

ARROIO GRANDE: UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Debora Silvana Vaz Soares - UFSM
Flávio Cezar Santos – UFSM
flaviocezar85@hotmail.com
Giane Quadros de Almeida – UFSM
giane_qda@hotmail.com
Karen Rodrigues Capello – UFSM
karen_keruso@hotmail.com
Maique Argenta Ribeiro – UFSM
maiqueargenta@hotmail.com
Sandi Mumbach – UFSM
sandimumbach@gmail.com

Agência ou Instituição Financiadora: Pibid

Eixo 7: Formação de professores (para a Educação Básica e Superior)

Resumo: Partindo de uma perspectiva de que as licenciaturas não tem se preocupado em formar educadores para atuarem nas escolas do campo, realiza-se o projeto Pibid - Educação do Campo - Interdisciplinar, desenvolvido por alunos de diferentes licenciaturas da Universidade Federal de Santa Maria. Tendo como campo de pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, localizada no distrito de Arroio Grande pertencente à cidade de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul. O trabalho pibidiano tem como propósito realizar um projeto interdisciplinar onde os licenciandos atuarão no ensino fundamental da escola do campo. Para assim, através das realidades observadas, construir com os professores, os alunos e a comunidade escolar um projeto que se aproprie às necessidades do campo. Como primeira proposta, visamos aqui relatar as nossas primeiras experiências e os resultados obtidos em nossas visitas iniciais nas localidades em que moram os alunos, bem como apontar os primeiros resultados das entrevistas com moradores, professores, funcionários e alunos. Para isso, utilizou-se uma pesquisa sociocultural, baseada em entrevistas, questionários e propostas de desenhos dos alunos. Percebe-se também a importância de uma formação que contemple o licenciando com diferentes olhares das possíveis localidades de sua atuação e acredita-se, então, que o projeto traz grandes contribuições tanto para a escola do campo como para a nossa formação acadêmica.

Palavras Chaves: Educação do Campo; Formação de licenciandos; Realidade Escolar

Introdução

A busca por uma melhor educação perpassa por todos os níveis do ensino, assim precisamos compreender a educação do campo como um dos campos de atuação das licenciaturas.

Mais que isso, precisamos ter a Educação do Campo fazendo parte em nossa realidade, pois, possivelmente, será um dos futuros níveis de ensino que poderemos a vir a atuar. Assim sendo, cabe aos cursos de licenciatura apresentar as distintas realidades da educação aos seus alunos, fato esse que não ocorre em nossos atuais cursos. De acordo com Dalben (2010):

Os currículos oficiais dos cursos de licenciatura não têm destacado as questões pertinentes aos conhecimentos e práticas sociais oriundas do meio rural. São currículos que privilegiam conteúdos, ricos na sua especificidade, mas poucos sensíveis ao atendimento das reais necessidades de conhecimento e cultura dos diversos grupos étnicos como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas e trabalhadores da agricultura, que historicamente foram excluídos como capazes de pensar e de agir. (Dalben, 2010)

Baseando-se nesta perspectiva de formação de professores para a atuação no campo, desenvolve-se na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o projeto intitulado Educação do Campo – Interdisciplinar tendo financiamento da CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Tendo como principais bases teóricas Freire, Meurer, o projeto congrega acadêmicos das licenciaturas em Pedagogia, Educação Física, Letras, Matemática, História, Geografia, Artes Visuais e Educação Especial, bem como professores da Universidade Federal de Santa Maria e das escolas da rede pública de ensino de Santa Maria sendo desenvolvido no distrito de Arroio Grande na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

O projeto tem como finalidade desenvolver um trabalho junto à escola do campo, no ensino fundamental, a partir da inserção e interação das várias licenciaturas existentes na Universidade Federal de Santa Maria. Partindo disso, o projeto busca um reconhecimento da comunidade escolar, de suas dificuldades e seus potenciais, para que junto com aquela, possa-se desenvolver um projeto de acordo com a realidade vivida na instituição, para assim trazer contribuições às quais poderão levar a um maior desenvolvimento para a comunidade escolar. Destaca-se que o projeto está em construção, não sendo previamente estabelecido.

Para o desenvolvimento do trabalho foram realizadas entrevistas em nove comunidades as quais pertencem ao distrito de Arroio Grande. Localiza-se na região leste do

município de Santa Maria, sendo este a porta de entrada para a Quarta Colônia. O distrito é considerado o início da Rota Gastronômica que une Santa Maria à cidade de Silveira Martins. Arroio Grande possui em torno de 2.701 habitantes.

Como referimos anteriormente, as questões apresentadas fazem parte das primeiras impressões acerca da comunidade de Arroio Grande, não colocamos aqui tais problemas ou questões como definitivas. Percebemos a importância de um trabalho que apenas está em seu início. Sob o mesmo ponto de vista, acreditamos extremamente necessário o estudo desta realidade e a atuação na mesma, não somente como uma forma de enriquecer nossa formação acadêmica, mas, principalmente, levar e construir com a comunidade, alternativas que lhe possam trazer benefícios e reais resultados.

Importante destacar que neste projeto, não se leva algo estruturado ou previamente planejado para ser desenvolvido na escola. Considera-se a construção conjunta do projeto tendo em vista, as realidades, problemas e potenciais que existem na escola e na comunidade. Buscando uma parceria entre os saberes da escola e da universidade. A nós, licenciandos, cabe valorizar e reconhecer a importância dessas vivências para nossa vida acadêmica e futuro desempenho em sala de aula.

Nesse sentido, o texto irá tratar da Educação do Campo e apresentará uma pesquisa realizada pelos licenciandos sobre a realidade do campo que foi observada e vivenciada em cada dia de caminhada. Buscando trazer para a formação, novas experiências que nos toquem e nos permitam refletir sobre as escolhas profissionais.

As licenciaturas e a Educação do campo

A educação como um todo visa o desenvolvimento de uma educação baseada em princípios norteadores para um futuro de qualidade dentro de nosso país, entre eles existindo distintas realidades. Podemos aqui descrever que a Educação do Campo o qual é um processo que se estende ao longo da história, traz para a sociedade uma cultura que leva em consideração o ambiente onde se vive, a organização do trabalho e uma relação com o meio ambiente. Visando esse contexto, podemos entender a Escola do Campo como uma das realidades que nós, futuros educadores, poderemos encontrar em nossas práticas educacionais. A LDB – a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96, afirma em seu art. 1º:

“A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa,

nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (MEC, 1996)

Seguindo essa linha, podemos entender a importância de possuímos uma educação no campo, estruturada em saberes que tenha a realidade como princípios fundadores da aprendizagem de seus alunos. Embora tal processo ainda não esteja na realidade escolar vivenciado na escola Arroio Grande, cabe à comunidade, partindo de suas experiências, trazer a importância de uma educação que preze pelos valores e, principalmente, pela valorização de que o campo pode trazer aos seus moradores. Mas como pode-se querer tais ação antes mesmo de conhecer as realidades das comunidades as quais frequentam cada um de seus alunos?

Não podemos tentar comparar ou mesmo ver a Escola do Campo da mesma forma que vemos a escola da zona urbana. É necessário compreender a cultura, os valores e as formas de produção e trabalho encontradas em cada realidade, bem como a organização da comunidade formadora desta escola. A pesquisa aqui relatada mostra a nossa visão da sociedade pertencente à escola de Arroio Grande. Partindo disso, pretendemos aqui apresentar a realidade que nós vivenciamos e experiências presenciadas nos primeiros contatos com a escola de Arroio Grande. Entendemos e percebemos que nossa visão poderá ser mudada e esperamos que seja no decorrer da realização do projeto.

A ideia sobre a educação e sobre o escolarizar, segundo o Movimento Sem Terras é de que:

“(…) acontece de maneira permanente, em um movimento continuado de formação das pessoas. Escolarizar é incentivar a pensar com a própria cabeça, é desafiar a interpretar a realidade, elevando o nível cultural. É criar condições para que cada cidadão e cidadã construam, a partir dos seus pontos de vista, seus destinos.” (MST: Lutas e Conquistas, 2010)

Como sabemos, o campo é um ambiente rico em experiências e conhecimentos e cabe a nós sabermos valorizar cada uma de suas características, aprender em conjunto para poder, dessa maneira, elaborar uma educação que seja adequada e principalmente que venha a atender toda uma população a qual por ter características sociais e culturais próprias, precisa de uma educação que venha a enaltecer os saberes do campo.

Não podemos pedir aos alunos que se interessem por assuntos distantes de suas realidades e tampouco podemos compreender o campo como um lugar isolado, sem tecnologias e sem avanços. As crianças e adolescentes as quais vivem nessa realidade,

convivem o mundo da mídia e das informações e muito da desvalorização que hoje acontece por eles em relação ao campo, pode ser entendida também como proveniente de realidades vistas e idealizadas através da internet e da própria mídia.

Nossos alunos vivem a era da comunicação e com isso, precisamos, então, tentar unir os saberes do campo e as formas atrativas de chegarmos aos alunos. Prova disso, é o uso de todos os recursos tecnológicos que nos auxiliaram durante as pesquisas realizadas. Percebe-se que boa parte dos alunos tem acesso a rede de informação, buscam informações e acompanham a sua época como qualquer outro jovem ou criança. Essas questões são presentes na vida destes alunos, questões que também acabam influenciando em suas escolhas, em seus desejos, nos planos que possuem a curto e a longo prazo.

Vivemos em uma sociedade que acaba tendo o consumismo como algo extremamente importante. Essa realidade chega ao campo e acaba enaltecendo o querer mais, o ter e, com isso, acaba-se considerando como uma alternativa única o estar no meio urbano. Nesse ponto, podemos considerar a forma como os jovens adolescentes e os próprios pais tendem a desvalorizar seus saberes e até mesmo não mais possuir uma identidade anteriormente tão valorizada.

A falta da identidade em ser do campo, acaba levando a uma opressão de si mesmo, como podemos ver em Freire (1987), que segundo o autor, *para o pensador ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens.*

Há o não reconhecimento de si mesmo quanto a um sujeito pertencente e transformado de si mesmo. Logo, acaba-se percebendo a não valorização como algo em inércia e as coisas tornam-se difíceis com agravantes que tendem a impossibilitar a permanência no campo, segundo alguns moradores. Porém, oprimem-se de certa forma a não se unirem em prol de avanços, de condições melhores para a comunidade, progressos dentro da educação que é fornecida aos seus filhos. Igualmente, oprimem-se em sua realidade e tornam-se os opressores dos filhos, mesmo havendo a vontade de continuar no campo, os pais incentivam e procuram mostrar os pontos negativos dessa permanência, fazendo, em virtude disso, com que o meio urbano seja, aparentemente, melhor, mais atrativo e mais lucrativo do que a conservação no campo.

Percebe-se decorrente disso, a importância dos exemplos que estão ao alcance dos alunos. Se compreendemos e conhecemos o urbano somente de forma agradável, teremos mais vontade de ir para esse lugar e permanecer no mesmo. Mas até que ponto diferenças entre o que é bom ou ruim podem ser estabelecidas? Não pode-se dizer que este lugar é bom e aquele lugar é ruim. Podemos, de forma inteligente, mostrar diferentes visões, diferentes perspectivas dessa realidade que parece ser tão idealizada.

Ainda assim, questionamo-nos dentro de nossas licenciaturas: Por que a Língua Portuguesa não pode trazer em foco o trabalhar com as diferentes situações linguísticas que há em uma região? Por que a Educação Física não pode estar presente no dia a dia de alunos que estudam no campo, promovendo uma interligação entre as suas próprias práticas diárias? Por que a História não pode tratar de questões tradicionais de certa região? Por que a Matemática não pode ser aprendida de forma que envolva a produção e a colheita durante a safra de arroz? Por que o professor de Séries Iniciais não pode trazer o que seus alunos conhecem tão bem para dentro da escola? Por que o Educador Especial não pode ver o diferente da forma mais natural possível?

Essas questões, como várias outras, podem ser discutidas por nós, e ser elaboradas, reelaboradas, assim promovendo uma educação, de fato, do campo e não no campo. Como podemos ver abaixo uma descrição que diferencia esses dois termos supracitados:

A expressão “no campo” refere-se ao direito do povo ser educado no lugar onde vive. Ao se referir ao termo “do campo”, essa educação deve vincular a participação dos sujeitos e respeitar a cultura, as necessidades humanas e sociais do lugar onde vivem. (KOLLING, CERIOLI, CALDART, 2002)

Para termos base sobre o que é a educação do campo, encontramos na resolução 01/2002 , do Conselho Nacional de Educação:

A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana [...]

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associam a soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002)

É necessário ter como foco, a Educação do Campo como um nível de ensino que possui necessidades de ter uma educação diferenciada e principalmente que proporcione a seus educandos, uma educação que lhes traga exemplos de sua realidade para sala de aula, formas de conscientização da importância do campo e um currículo adequado às suas necessidades.

Nos cursos de licenciatura não são formados educadores para atuar no campo e sim no urbano. Em muitos casos, a realidade da escola do campo é inexistente. Sendo assim, chegamos até essas escolas muitas vezes com idealizações errôneas, que na prática nos mostra ser totalmente oposta. Necessitamos estar preparados para esta realidade que nos é apresentada, pois só assim poderemos construir subsídios necessários para educar nessa realidade.

Um olhar da e na comunidade.

As crianças e os adolescentes são os frutos das vivências de seu meio. Baseando-nos nesta ideia, temos que pensar seriamente em como se dá o processo de aprendizagem desses alunos. Compreende-se a educação como uma forma contínua de aprendizados no qual as experiências, o meio, as práticas vivenciadas tornam-se cruciais para uma formação e construção de uma educação de sujeitos críticos e capazes de tomar decisões.

Neste período de visitas às comunidades, conversas com os professores, moradores e alunos do distrito de Arroio Grande, podemos ver que a comunidade, infelizmente, ainda não tem a visão da escola como algo que lhe possa ajudar dentro de suas atividades, ou mesmo que lhe traga melhorias para a sua comunidade. Alguns fatos nos colocaram em dúvida quanto à disposição de que os alunos têm em aprender mesmo possuindo mais facilidades às quais foram adquiridas ao longo dos anos, que anteriormente não eram conhecidas por seus pais.

Cada uma das localidades que compõem a região tem uma característica distinta, nossas principais considerações a respeito da pesquisa, levaram-nos a perceber que muitos pais não se interessam pela educação de seus filhos. Importante destacar que nos anos iniciais, essa situação é ao contrário. Durante os anos iniciais, encontramos a presença dos pais mais atuantes na escola, embora haja dificuldades para os mesmos se locomoverem até a instituição. Muitos dos pais são presentes, participam e acompanham o processo de escolarização dos filhos, os apoiando e incentivando.

Mas essa situação acaba mudando ao longo dos anos, os alunos das séries finais já não possuem seus pais tão presentes e atuantes na escola, podemos, então, ver o desestímulo desses alunos e, em alguns casos, a falta de persistência para a continuidade dos estudos. Os pais tornam-se desinteressados e isso reflete na educação de seus filhos.

Outro ponto é a falta de identidade que há por parte de alguns moradores em relação a serem pertencentes ou não ao campo. Em diferentes situações e com várias das famílias entrevistadas, foi nos deixado claro que para estes moradores, eles não são pertencentes ao campo, por não desenvolverem atividades ligadas à plantação ou criação. Sendo assim, outras questões que podem ser levantadas: O que é o campo? O que pode ou não caracterizá-lo?

Essa não identidade com o lugar, onde os moradores residem e, na sua maioria, viveram a vida inteira, leva aos próprios filhos a um enaltecimento ao urbano, as coisas ditas boas existentes no meio urbano, tendo assim uma visão talvez idealizada apenas dos benefícios que traz a moradia na cidade e não das dificuldades encontradas que, na vida diária do campo, não existem. Em muitos casos, os pais veem a saída do campo como a única alternativa de crescimento e até mesmo evolução para seus filhos, acreditando que no campo não há condições nem oportunidades para o trabalho.

Um dos problemas que é visível e parece comum a algumas localidades é o problema da água. Muitos não possuem abastecimento de água tratada, assim, utilizam-se dos poços artesianos e dos açudes. Com a grande exploração desses recursos, muitos açudes acabam secando durante a época de estiagem, e por causa disso, acaba faltando a estes moradores água para a irrigação, para os animais e até mesmo, em alguns casos, para o consumo da própria família.

Questões como a falta de transporte na região é outra grande dificuldade em várias comunidades, pois na região de Arroio Grande não há escolas de ensino médio, fazendo-se necessário que os alunos desloquem-se até a escola mais próxima e pela distância, há a necessidade de irem de transporte. Mas esse não é fornecido gratuitamente aos alunos, sendo, então, necessário pagar o transporte (importante dizer que o transporte passa pelo distrito seis vezes por dia, de segunda à sexta-feira e três vezes por dia nos finais de semana). Isso é um dos grandes motivos da desistência por parte dos alunos, pois, também, muitas famílias possuem um número elevado de filhos, o que dificulta ajudar a todos, ou mesmo há dificuldades financeiras por parte dos pais que não lhes permite pagar um transporte público diariamente para que seus filhos estudem.

Do mesmo modo, a falta de transporte dificulta a participação por parte dos alunos nos projetos que são desenvolvidos na escola, pois os mesmos possuem o transporte referente ao horário de seu turno de aula. Ocorre, então, que aqueles alunos que desejam participar de projetos, ou permanecem na escola em turno integral, ou que o aluno tenha um tempo mínimo para que esse possa almoçar e pegar novamente o mesmo ônibus que retorne à escola.

Outro importante fator observado foi que na comunidade não há uma união entre os moradores. Muitos plantam, outros trabalham visando a si mesmos e não pensam nos benefícios de um trabalho em grupo. O individualismo é bastante aparente na região, não ajudam entre si e essa questão acaba sendo levada por seus filhos para dentro da sala de aula. Podemos com isso, ver os reflexos dos exemplos que esses alunos possuem em suas casas.

Em algumas das localidades visitadas, por não haver coleta de lixo, é feita a queima do lixo, que traz grandes prejuízos a todos. Não há uma conscientização dos malefícios dessa queima. A coleta de lixo é realizada uma vez por semana nesta região, e a falta de conscientização de alguns moradores, faz com que em alguns lugares o lixo se acumule até a semana seguinte, ficando espalhado pelas ruas e até mesmo nas próprias residências.

Outro sério problema que nos inquietou, foi a falta de incentivo e de cobrança por parte dos pais para que os seus filhos continuem nos estudos, muitos abandonam o ensino médio e alguns até o ensino fundamental. Seus pais em alguns casos lhes dão a escolha do querer ou não continuar a estudar.

Reconhecemos a educação como uma base formadora de sujeitos e aos pais, cabe uma exigência e assegurar a seus filhos que esses possam ter as possibilidades de estudo.

Percebemos a importância dessa base formadora que, também é a família para a construção de um sujeito e este fato nos deixa extremamente preocupados, pois muitos jovens e mesmo crianças, por não possuírem até esse momento uma mente madura, não compreendem a importância que é ter uma boa educação e os benefícios que essa lhes trará, cabendo aos pais exigirem de seus filhos e mostrarem os benefícios da educação e a importância desta para seu futuro.

Quando perguntado aos pais a respeito do que poderia ser melhorado na escola, os mesmos acreditam que está tudo bem do jeito que se encontra, mas ao conversar com os professores, esses nos informaram que poucos pais participam das reuniões e se interessam

em acompanhar a escola. Fazendo com que o comodismo não os levem a questionar, a pedir melhorias nem mesmo procurar uma evolução em seus trabalhos, em suas vidas.

Depois de fazermos as visitas às localidades e buscarmos a realidade do campo vista pelos moradores, conseguimos compreender as palavras de Freire (1987),

“Por isso inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isto é que o mero reconhecimento de uma localidade que não leva a uma inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da sociedade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro”. (Freire, 1987).

Possibilitou-nos compreender esse universo, criticamente, e a partir desse movimento, buscamos ações coletivas, conjuntas com a escola para efetivamente promover ações que possibilitem avanços tanto para os alunos dentro e fora da escola, como também para a comunidade em geral. Mais uma vez, faz-se necessário descrever as palavras de Freire (1987):

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mas que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

O olhar de quem ensina e de quem aprende.

Em nosso diálogo com os professores, buscamos saber como eles viam o campo, a escola local, seus alunos e a comunidade, como eles começaram a dar aula no campo e também as diferenças com as escolas da cidade, já que muitos deles lecionaram ou lecionam neste tipo de escolas. Ficamos em média de 2 a 3 dias conversando com os educadores do turno da manhã e da tarde, aproveitando seus horários vagos ou reuniões coletivas, onde nos era permitida a participação.

Gostaríamos de destacar que todos os professores colaboraram com a pesquisa, não vendo problema em perder um pouco do seu momento de folga. Também responderam todas as perguntas sem nenhum constrangimento.

Depois deste contato com os professores, chegamos a uma conclusão de que as visões e interpretações que eles faziam dos alunos e de sua localidade estavam de acordo com as

nossas observações. Notamos poucas contradições entre a nossa pesquisa e a realidade relatada pelos professores.

Ao serem questionados sobre a escola do campo, os professores relataram que não havia diferença entre o conteúdo dado por eles na escola do campo e na escola urbana, nem os exemplos eram diferentes e que, por isso, não viam a escola como uma escola do campo, mas de difícil acesso e com turmas menores.

Relataram ainda que os mesmos não têm tempo para fazer projetos interdisciplinares e, até mesmo, fazer cursos para melhorar a metodologia usada em sala de aula e que, muitas vezes, os cursos oferecidos não ajudam praticamente em nada. É importante destacar aqui que duas professoras colocaram o fato de sua formação ter sido insuficiente, pois na hora de ir para prática, elas se depararam com situações as quais não tinham presenciado antes e por conta disso, tiveram que aprender no momento. Ao verificarmos que os nossos cursos têm muitos pontos em comum e a maneira a qual foi ensinada a esses professores, deixou-nos a questionar sobre o nosso preparo para exercermos o nosso papel, enquanto educadores, com excelência.

Posteriormente, ao discutir sobre os alunos, a maioria dos professores os avaliou como muito educados, muitas vezes mais que os da cidade e destacou que eles, em sua grande maioria, não têm sonhos a longo prazo. Estão desinteressados com os estudos e não tem muito incentivo, sendo poucos os que se sobressaem entre o todo.

Apontaram alguns problemas de caráter geral entre os educandos como o álcool, as drogas e a gravidez na adolescência e o fato de muitos não terminarem o ensino médio. Mesmo que a escola tente alertá-los através de projetos, palestras e conversas em sala de aula. Os alunos também refletem os problemas que vivem em casa dentro da sala de aula. Além disto, há alunos que não tem uma boa frequência e, por isso, não conseguem entender todo o conteúdo.

Os professores sentem a necessidade de se fazer algo diferente, algo novo, que melhore a realidade e traga novas oportunidades para o futuro dos alunos, estando muitos deles dispostos a colaborar com os projetos.

Na escola, há três professoras que residem na região e por isso tem uma relação próxima com o local e a escola, foram criadas e estudaram na região. O que destacamos da conversa com elas, foi o fato de que antigamente, era mais prazeroso dar aula e que os alunos

eram mais interessados. Comentaram também que os pais ofereciam duas opções às filhas: casar ou estudar.

Dentre as pesquisas com os funcionários da escola, destacamos o relato de uma moradora de Três Barras que não demonstrou o menor interesse em sair da região, porém preferia que os filhos fossem para cidade, pois a terra que tinha era pouco e não permitiria que todos vivessem nela. O filho mais velho até tentou ficar no campo, mas, por falta de oportunidade, decidiu sair. Tal exemplo representa a opinião da maioria, que já não consegue ver um futuro para sua descendência no campo.

Conclusões

Buscamos o entendimento da realidade da Educação do Campo, dos problemas encontrados e, muitas vezes, procuramos chegar a conclusões preestabelecidas ou mesmo deixamos-nos levar por situações os quais acreditamos ou idealizamos. Isso nos faz com que tenhamos visões equivocadas ou mesmo formulemos um conceito de educação no campo que realmente não existe. Possivelmente para alguns de nós em alguns meses atrás, a educação no campo poderia apenas ser uma escola como qualquer outra que apenas possuía difícil acesso. Suas peculiaridades, sua importância para o meio social e mesmo a ideia de, futuramente, estar atuando como educadores nessa realidade nem fosse pensada por nós.

Deparamos-nos, então, com uma distinta situação em que o contexto educacional, o próprio educando e mesmo a comunidade a qual envolve essa escola, é diferentemente daquele contexto que estávamos acostumados a ver na escola dita da zona urbana. Isso nos leva a dois questionamentos: Que educadores seremos se não soubermos quais as distintas realidades que poderemos enfrentar? E, principalmente, estamos preparados para essa realidade?

O campo deixa aqui a valorização de sua produção, de sua cultura e de seus saberes, é claro que nessas questões, necessitamos entender as condições que são dadas a estes moradores para sua subsistência. Embora muitos moradores durante as entrevistas mostrarem sua preferência pela ida dos filhos para a cidade, há aqueles que defendem suas raízes, seus saberes, ensinando-os aquilo que foi passado aos seus pais. Temos, então, a contradição, na qual crianças que apontam uma não preferência pela vida urbana, demonstrando que

exemplos são um dos principais argumentos para a construção de um conceito e até mesmo no caso de alguns, novamente, uma provável idealização.

Acreditamos na importância da valorização dos saberes que o campo pode proporcionar aos seus jovens. As formas de atuação dentro da escola também são fundamentadores desse pensar. Se queremos que um aluno identifique-se como do campo, temos que possuir uma escola que identifique-se também como tal. As diferenças existentes nas realidades das escolas do campo e da zona urbana são um indicativo da necessidade de se pesquisar a educação no campo, os seus anseios, as suas preocupações e a sua qualidade em relação à transmissão de conhecimento que possa ser adequado na vida diária. Essa em que o aluno juntamente a sua família, nos saberes os quais os mesmos podem levar até suas casas e que levem a ajudar no desenvolvimento do plantio e/ou da comunidade. O estar na escola deve se tornar a extensão daquilo que se necessita em uma comunidade, trazendo muitas vezes respostas às questões nas quais os alunos podem trazer do seu dia a dia e abordar em sala de aula.

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**/ Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. 79p.

BRASIL, Secretaria Nacional do MST. **MST: Lutas e Conquistas** / Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2010.

MEURER, Ane Carine. **Projeto Político Pedagógico Escolar: Questões a serem refletidas nas Escolas do Campo**. In Matos. Kelma&Wizniewky, Carmen Rejane Flores et al. (Org.). *Experiências e Diálogos em Educação do Campo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

RAMOS, Marise Nogueira. **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios** / Maria Telma Moreira; Clarice Aparecida Santos. - Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004. p. 48

BRASIL. **Congresso Nacional**. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394\96. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm >. Acessado em: 17 Set. 2012, 14h54min

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação\ Câmara de Educação Básica**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução nº 1 de 03 de abril de 2002. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf> >. Acessado em 19 Set. 2012, 14h23min

DALBEN, A. I. L. F. (Org.) ; PEREIRA, J. E. D. (Org.) ; SANTOS, L. L. C. P. (Org.) ; LEAL, L. F. V. (Org.) ; SOARES, Leôncio (Org.) ; SILVA, L. C. (Org.) ; MARQUES, L. P. (Org.) ; GOMES, A. M. R. (Org.) ; GOMES, Nilma Lino (Org.) ; ANTUNES-ROCHA, M. I. (Org.) ; FERRARI, A. (Org.) . **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Educação de Jovens e Adultos, Educação de Pessoas com Deficiências, Altas Habilidades e Conduitas Típicas, Educação do Campo, Educação, Gênero e Sexualidade, Educação Indígena, Relações Raciais e Educação**. Disponível em:

< http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_2.PDF >. Acessado em: 20 Set. 2012, 13h18min

KOLLING, Edgar Jorge e et al. **Educação do Campo Identidade e Políticas Públicas**. Disponível em:

<http://www.forumeja.org.br/ec/files/Vol%204%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20do%20Campo.pdf> > Acessado em: 19 Set. 2012, 14h57min.